

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FRANCIELLE MARIA GONÇALVES DUARTE

**O QUE MOSTRAM AS PESQUISAS
BRASILEIRAS SOBRE VIOLÊNCIA
ESCOLAR (2011-2018)**



Rio Claro
2021

FRANCIELLE MARIA GONÇALVES DUARTE

O QUE MOSTRAM AS PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE
VIOLÊNCIA ESCOLAR (2011-2018)

Orientador: Prof.^a: Dra. Joyce Mary Adam

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Rio Claro
2021

D812q	Duarte, Francielle Maria Gonçalves O que mostram as pesquisas brasileiras sobre violência escolar (2011-2018) / Francielle Maria Gonçalves Duarte. -- Rio Claro, 2021 35 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientadora: Joyce Mary Adam 1. Violência. 2. Escola. 3. Alunos. 4. Pesquisas. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FRANCIELLE MARIA GONÇALVES DUARTE

O QUE MOSTRAM AS PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE
VIOLÊNCIA ESCOLAR (2011-2018)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de
Biotecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof.^a: Dra. Joyce Mary Adam

Comissão Examinadora

Rio Claro
2021

AGRADECIMENTOS

Inicio os meus agradecimentos a Deus, pois apenas Ele permite que cada coisa aconteça nesta vida. Aos meus pais que sempre me apoiaram com palavras e ações na conquista dos meus sonhos. Ao meu marido, que em toda trajetória da graduação, sempre me incentivou, e fez o que era do seu alcance para contribuir com meus estudos. Aos meus colegas de classe, de maneira especial as minhas amigas mais próximas, pois através deles foi possível compartilhar conhecimentos e experiências. A todos os professores que participaram desta jornada com suas contribuições enriquecedoras. A minha orientadora que me auxiliou para a elaboração deste estudo o que exigiu muita paciência. A esta universidade que possibilitou este espaço de ampla aprendizagem e desenvolvimento. Aos colegas de trabalho e empresa em que fiz parte do quadro de colaboradores, que permitiu a conciliação com os horários de estágio. Aos demais amigos e colegas que sempre me parabenizaram e estimularam pela escolha do curso. Enfim, todos estes foram protagonistas para que este ciclo de minha vida fosse concluído com muita alegria e orgulho. Meu muito obrigada!

*“ Do rio que tudo arrasta se diz que é violento
Mas ninguém diz violentas as margens que o
comprimem. ”*

(Bertolt Brecht)

RESUMO

A violência é um fenômeno complexo. Olhá-la dentro de diferentes perspectivas, através de diferentes estudos, oferece elementos para a enfrentarmos. Na sua maioria, esses estudos fazem análises por perspectivas sociais ou psicológicas, entendendo a causa da violência como o resultado do entorno ou da vulnerabilidade de certos jovens. Embora não devam ser desconsideradas, muitas conclusões dão a impressão de que não há alternativas para lidar com os problemas do dia a dia. O estudo em questão apresenta o levantamento em uma biblioteca eletrônica, que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, de pesquisas publicadas entre os anos 2011 a 2018 que abordam questões relacionadas a violência escolar, a fim de conhecer sobre este assunto e suas abordagens. Considerando o período mencionado e artigos apenas em português, foram utilizados 14 artigos para o estudo, estes apresentavam temáticas sobre violência divulgada pela mídia, violência contra docentes, mediação de conflitos, disciplina, escola e polícia, percepção de violência escolar, sugestões de ações de combate a violência escolar e *bullying*.

Palavras-chave: Violência. Escola. Alunos. Pesquisas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Objetivos Geral	8
1.2	Objetivo específico	8
1.3	Metodologia	9
2	VIOLÊNCIA ESCOLAR	10
3	A PESQUISA	17
3.1	Resultados	19
4	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais preocupações da sociedade atualmente é a violência, pois atinge a vida das pessoas por meio de vários aspectos, seja através de facetas mais evidentes ou de formas mais sutis.

Ocasionalmente, a violência que ocorre dentro da escola é destacada pela mídia. Porém, o que se noticia, se restringe apenas ao ato em si, o contexto e as possíveis motivações para tal não são publicados, nem mesmo todas as “vítimas” são ouvidas.

Definir a violência na escola é, antes, mostrar como ela é socialmente construída em sua própria designação, como seu campo semântico se amplia a ponto de se tornar uma representação social central. Que fatos sociais heterogêneos sejam reunidos sob o termo genérico de “violência” pelos atores da escola é em si mesmo um fato social digno de ser pensado. (DEBARBIEUX, 2001, p.164).

Estudos partem de diferentes perspectivas teóricas e, conseqüentemente, acabam por definir e analisar o fenômeno de modos distintos. Segundo Silva:

Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência pode manifestar-se por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretado como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica (SILVA et al., 2010, p.17).

De acordo com Debarbieux (2002), por negar o interesse tanto social quanto coletivo à integridade, à proteção, ao respeito e a justiça, a violência torna-se algo tão intolerável. E quando associada a escola, aponta uma grave falha por parte da instituição e de seus planos futuros.

Charlot (2002), ressalta que é preciso, inicialmente, que seja feita a distinção da violência escolar em: violência na escola, violência à escola e violência da escola:

A violência *na* escola é aquela que produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência

contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas (CHARLOT, 2002, p.434).

As relações entre a violência e a educação têm sido estudadas no Brasil desde a década de 1980, a princípio com a intenção de realizar mapeamento das ocorrências e realizada pelo poder público, atualmente a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – Unesco, juntamente com institutos de pesquisas, está desenvolvendo pesquisas sobre violência de jovens e violência escolar.

Através de estudos realizados, Sposito (2001) constata que houve uma mudança no padrão de violência nas escolas, que agora incluem as relações dadas em seus espaços, seja por meio de agressões entre os próprios alunos, ou entre os professores, que anteriormente restringia-se aos atos de vandalismos e agressão ao prédio da escola.

Este estudo através de um levantamento bibliográfico em uma plataforma eletrônica, tem como intenção analisar quais as temáticas sobre violência escolar foram abordadas nas pesquisas brasileiras nos anos 2011 a 2018. Após definição dos parâmetros para execução do estudo mais aprofundado, foram selecionadas 14 pesquisas que posteriormente categorizadas possibilitou a investigação e entendimento sobre abordagens bem específicas do assunto, assim como correlações entre pontos em comum.

1.1 Objetivos Geral

O objetivo do presente trabalho é fazer um levantamento de quais temáticas de violência escolar são abordadas nas pesquisas contidas na plataforma Scielo, no período de 2011 a 2018 no Brasil.

1.2 Objetivo específico

- a) Coletar os artigos presentes na plataforma Scielo que correspondem a temática de violência escolar;

- b) Pesquisar sobre os diferentes tipos de violência escolar que são descritos e discutidos nos artigos;
- c) Analisar o conteúdo dos artigos para verificar quais temas são mais pesquisados dentro deste campo.

1.3 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa eminentemente bibliográfica e de cunho exploratória. O presente trabalho teve como referencial teórico os estudos sobre violência escolar principalmente a partir de pesquisadores como, Éric Debarbieux, Bernard Charlot, Marília Pontes Sposito e outros especialistas desta área.

Este estudo foi feito a partir do levantamento na biblioteca eletrônica *Scielo*, e para busca, os campos selecionados foram: periódicos, lista por assunto, pesquisa e o descritivo usado foi Violência escolar (Todas as palavras –AND). Dentre os artigos apresentados nesta busca inicial, os critérios adotados para a seleção foi: coleção de periódicos científicos brasileiros de pesquisas publicadas entre os anos 2011 a 2018.

As fontes são 14 pesquisas, posteriormente categorizadas em 8 temáticas diferentes, ou seja, qual o contexto geral apresentado no estudo. Desta forma, foi possível analisar o que é discutido, as particularidades de abordagens pouco exploradas e as diferentes observações a respeito de um mesmo tema.

2 VIOLÊNCIA ESCOLAR

Apesar de sempre fazer parte da sociedade, cada vez mais nos deparamos com questões de violência em nosso meio e atualmente apresenta-se de diversas maneiras. Assim como menciona Body-Gendrot (2002), quando se une a palavra escola ao termo violência indica uma grave falha por parte da instituição e de seus planos futuros.

A discussão sobre a violência no Brasil adquiriu grande importância nos últimos anos, passando a mobilizar cientistas sociais, pedagogos, filósofos, economistas e juristas. As fontes teóricas, nem sempre explicitadas, foram muito variadas, entretanto, o que produziu um debate disperso (Zaluar, 1999).

Trazer uma definição de violência é uma tarefa difícil, pois trata-se de um fenômeno complexo que possui inúmeras causas, sendo produzida e/ ou que gera impactos por várias esferas, desde a individual até grupal. “Desse modo, a primeira objeção, é a seguinte: atribuir o termo violência a uma ampla gama de fenômenos é um mau uso do termo” (DERBARBIEUX, 2002, p.61).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como: “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Krug et al.,2002,5). A OMS também classifica a violência de acordo com sua natureza, sendo física, psicológica, sexual e de negligência ou abandono, mas reforça que esta categorização é imperfeita diante da complexidade do tema.

Toda esta heterogeneidade, também é assumida no ambiente em que se instala, e toda particularidade deste meio fará com que a violência se manifeste de uma determinada forma. Nas escolas por exemplo, ela assume traços diferentes, variando deste o tipo da instituição: sendo particular ou pública; adotando percepções diferenciadas entre alunos, professores, funcionários e comunidade. Assim estudiosos e pesquisadores da área educacional, realizam distinções conceituais para que facilite o entendimento acerca da violência, como feito pela autora:

É preciso, inicialmente, distinguir a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Pode-se, contudo, perguntar-se por que a escola, hoje, não está mais ao abrigo de violências que outrora se detinham nas portas da escola.

A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam as violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 434-435).

De acordo com Sposito (1998), a violência promove a ruptura do senso social através do uso da força, sendo assim a comunicação por meio de palavras e pelo diálogo torna-se impossível.

A violência simbólica acima mencionada, tida como reprodução cultural em que: “Toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural “ (BOURDIEU, 1975, p.20). Araújo (2004), discorre sobre este ponto e destaca que para ocorrer a inclusão de uma criança no mundo da cultura, exige-se a ação de um adulto, vista como imposição sobre ela, uma vez que a partir disto a criança se limita para viver em sociedade, há uma regulação e sim uma forma de violência.

“Definir” a violência na escola é, antes, mostrar como ela é socialmente construída em sua própria designação, como seu campo semântico se amplia a ponto de se tornar uma representação social central. Que fatos sociais heterogêneos sejam reunidos sob o termo genérico de “violência” pelos atores da escola é em si mesmo um fato social digno de ser pensado (DEBARBIEUX, 2001, p. 163-193).

Mas é importante ressaltar, segundo ZALUAR e LEAL (2001), que pode trazer algumas confusões a aplicação sem nenhuma criticidade das teorias de Bourdieu, no momento vivenciado pela conjuntura brasileira. A escola, atualmente sofre pela violência expressa sobre duas formas: a física que tem como agressor bandidos ou traficantes do bairro onde estão localizadas, ou até mesmo pelos agentes do poder público que seriam responsáveis pela segurança. A segunda forma de violência é

aquela expressa por palavras que negam, oprimem e afetam o psicológico das outras pessoas.

Para Velho (2000 apud SALLES et al, 2014), esta ideia de que a violência se apresenta não apenas no uso da força física, mas na expectativa de usá-la, como ameaça, reforça o enfoque de sua natureza. E quando é evidenciado a possibilidade de imposição de desejo, vontade ou intenção de um sujeito sobre o outro, a violência é associada a ideia de poder.

Mas a violência estrutural penetra também o espaço escolar (Galtung,1995, apud SALLES et al,2014).

A violência estrutural tem sua origem na situação mundial de injustiça social, produto do sistema imperialista e das relações de dependência estabelecidas no planeta, nas esferas econômica, política, militar e cultural. Em âmbito local, isto se reflete na miséria, na exclusão, na corrupção, no desemprego, na concentração de renda, no poder, no autoritarismo e nas desigualdades presentes na sociedade brasileira (SALLES et al, 2014, p.148-157).

Sposito (2001), relata que nos anos iniciais da década de 1980, a concepção de violência associada à escola era advinda do meio externa, sendo através de invasões daqueles que não tinham vínculos com a escola e causando a depredação do patrimônio público. E então existia a ideia consensual de que a escola deveria ser resguardada dos moradores dos bairros de periferia, e a eles eram atribuídos a posição de delinquentes ou marginais.

Contudo, a complexidade e a expressividade em que a violência se apresenta na contemporaneidade, os estudos sobre este assunto se tornam peculiares:

Apesar do intenso debate público em torno da violência e de sua relação com os segmentos juvenis quer como protagonistas, quer como vítimas, as equipes de pesquisadores demoram a assimilar no conjunto de seus interesses o tema das relações entre violência e escola (SPOSITO, 2001, p. 87-103).

E a autora, SPOSITO (2001), reforça que além deste interesse inicial de estudos sobre a violência, também é possível notar o apático apoio por parte de órgãos públicos. Mas, salienta que estas pesquisas revelam pontos importantes para que seja compreendida a relação entre violência e escola, em especial a deterioração do clima escolar, e relação do aumento da criminalidade e da falta de segurança sobre os alunos.

A complexidade da pesquisa sobre violência em meio escolar no Brasil decorre, assim, da interseção com o tema da violência social, sobretudo nas cidades e na interação que o mundo do tráfico estabelece com os segmentos juvenis, alunos ou ex-alunos da escola pública. Mesmo estando articulados, um fenômeno não se dissolve no outro, exigindo instrumentos teóricos e recursos metodológicos de investigação capazes de facilitar a compreensão dessas conexões (SPOSITO, 2001, p. 87-103).

Assim como expõe Debarbieux (2002), as pesquisas neste campo nos ajudarão compreender que não obteremos um conhecimento total acerca da violência nas escolas, porque ela só pode ser representada de formas parciais, e devemos ou aceita-las como tal ou nos permitir cair na fantasia da onisciência, que é tudo menos ciência.

Os pesquisadores precisam examinar cada ângulo, considerar os aspectos subjetivos e objetivos das situações em questão, considerar a interação entre aqueles que se comportam de forma antissocial e aqueles que sofrem as consequências; precisam levar em conta as exigências normativas da sociedade e passar da substância do ato violento ao relativismo imposto por uma leitura diacrônica do fenômeno (BODY- GENDROT, 2002, p.164-185).

Blaya (2002), em pesquisa comparando os países França e Inglaterra, destaca que na investigação da violência escolar, é importante também estudar sobre “clima social”, além dos fatores psicológicos prevaletentes nos estudos sobre a temática, já que os trabalhos sobre o contexto escolar têm evidenciado a influência do clima escolar na incidência da violência na escola. (apud PAULA E SILVA; SALLES, 2010, p. 222).

Os estudos sobre clima escolar têm também destacado que a diminuição da violência passa por uma postura firme e pelo empenho nas atividades didáticas do corpo docente, pelo compromisso dos professores com o seu trabalho e pelo tratamento não diferenciado entre os alunos de melhores e piores rendimentos escolares. Passa também pelo interesse dos alunos pela escola e pelas tarefas escolares. Quanto maior a perspectiva que o estudante vê para desenvolver-se na escola menos atos violentos ele comete (PAULA E SILVA; SALLES, 2010, p.217-232).

Existem formas diferentes das manifestações da violência ocorrerem no meio escolar, e cada uma com suas peculiaridades. Uma delas, vem ganhando destaque nos últimos anos, principalmente nas mídias, por ser mencionada como causa de ataques que acontecem em escolas.

Esse tipo de violência, não é um acontecimento novo dentro das escolas, ele apenas tomou forma e ganhou nome específico a partir dos anos 80, quando o

estudioso norueguês Olweus (1993) definiu como *bullying* os atos agressivos, antissociais e repetitivos que ocorrem entre estudantes no contexto escolar.

Se recorrermos ao dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra *bully*: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender, de acordo com Silva (2010). Para Neto (2005), devido a dificuldade de tradução para as demais línguas, foi estabelecido que seria usado universalmente o termo *bullying*.

“O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* (os bullies) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio.” (SILVA, 2010, p.21).

Santos (2007) reitera que nos anos 1970, Dan Olweus deu início a suas investigações, mesmo com o desinteresse das escolas, sobre o problema de agressores e suas vítimas. E para fazer a prevenção do *bullying*, assim como a busca por mais conhecimentos sobre sua natureza e ocorrências, foram realizadas pesquisas.

O autor citado esclarece também que “os estudos de observação direta e indireta eram demorados, e por isso o procedimento adotado foi o uso de questionário, o que serviu para fazer a verificação das características do *bullying*, bem como avaliar as intervenções que já vinham sendo adotadas” (SANTOS, 2007.p.12).

Outra prática de violência que também ocorre, e que se enquadra na violência contra a escola, ou à escola, já citada anteriormente, é aquela que representada como incêndios, destruição, atos de vandalismo, furtos ou roubos do patrimônio, tais como: carteiras, cadeiras, paredes, portas, cabos de fiação elétrica e de telefonia, materiais e equipamentos das instituições escolares.

Araújo (2004), esclarece que independente da escola ser pública ou privada, a depredação do patrimônio é um fenômeno observado em quase todas, de modo mais ou menos intenso. E ressalta que a depredação aqui tratada é a de caráter intencional e não a decorrente do desgaste natural das instalações utilizadas.

Além do vandalismo, em que a estrutura física é afetada, existe outra violência que ocorre no interior da escola, e em maiores proporções podem ultrapassar os muros. São os atos violentos que os docentes sofrem ao exercer seu trabalho.

A violência no ambiente escolar representa um grande problema social, especificamente aquela dirigida ao professor. Esse tipo de violência não é captado pelos sistemas tradicionais de informação, o que dificulta o monitoramento da ocorrência deste evento. Assim, pesquisas são necessárias para conhecer a prevalência, características e fatores envolvidos na violência escolar. Um inquérito norte-americano (*The APA Task Force on Violence Directed Against Teachers*) investigou a experiência de violência de 2 mil professores atuantes em vários níveis de ensino. Os resultados revelaram que 80% relataram ter sofrido ao menos uma experiência de violência no último ano, sendo 94% praticadas por alunos. Quase metade dos professores (44%) referiu ter sido agredido fisicamente (ESPELAGE et al., 2013 apud MELANDA et al., 2018, p.2).

Diante das várias facetas, alterações e abrangências da origem e formas da violência, temos em contrapartida as ações a fim de combatê-la. E não é de hoje que se discutem tais práticas, esta preocupação ocupa espaços desde anos atrás:

As reivindicações dirigidas aos primeiros governos eleitos pelo voto popular, no início dos anos 1980, reuniram professores, alunos e pais que buscavam melhores condições de funcionamento das unidades escolares. As respostas, em geral, resultavam em algumas medidas como: policiamento nas áreas externas, zeladorias, muros, iluminação nas áreas externas e pátios escolares, grades em janelas, portões altos, etc. (SPOSITO, 2001, p. 87-103).

Elias (2011), afirma que o tema requer um conjunto de medidas, de ações integradas e de iniciativas articuladas implementadas de acordo com um plano. E que não existe soluções como mágicas, mas que é possível avançar muito na prevenção desses eventos e na educação para a convivência.

Mas se a violência é construída, então ela pode ser desconstruída. A repressão é sempre um estado trágico de temporalidade para a vítima. Quando a violência espetacular ou criminoso acontece, já é tarde demais, e a repressão não passa de um efeito retardado. Porém o mais significativo, e o que nos permite avaliar as políticas públicas que tratam da violência, é, acima de tudo, a redução do número de vítimas e do grau de vitimização, e não quantas pessoas foram presas (DEBARBIEUX, 2002, p.58-92).

Segundo Silva (2010), para criar as condições a fim de traçar a primeira ideia de prevenção da violência escolar, e então definir objetivos, é necessário entendê-la como causadora de feridas, e a proposta será curar e prevenir, através de ações que intervenham na redução da violência, ações de cuidado das vítimas, e ações de

prevenção, que podem variar desde questões pedagógicas, ou até mesmo de atividade de política articulada, sendo em conjunto ou com parceria com demais serviços ou políticas.

É necessário retomar com urgência o debate sobre a educação moral no seu sentido contemporâneo de autonomia moral, entendida como preparação para o exercício da cidadania nas escolhas éticas feitas e no respeito às demais possíveis na convivência pacífica, isto é, naquelas escolhas que não implicam a destruição ou o silenciamento dos outros. Sobretudo, a autonomia na participação na vida pública em seus diversos canais, como princípio condutor e possivelmente redutor de situações de violência (ZALUAR, LEAL, 2001, p.145-164).

3 A PESQUISA

No dia 16/03/2020 realizou-se o levantamento de dados na plataforma *Scielo* (<http://www.scielo.br>), e para busca foram selecionados os seguintes campos: periódicos, lista por assunto, pesquisa e o descritivo usado foi Violência escolar (Todas as palavras –AND); o resultado desta busca apresentou 36 artigos, estes foram enumerados conforme **Quadro 1**, para melhor detalhamento e seleção posteriormente.

Quadro 1 – Resultado dos artigos encontrados em busca inicial

ID.	TÍTULO DO ARTIGO
1	Representações discursivas da escola democrática do DF na mídia jornalística
2	<i>Heteronormatividad escolar en México: Reflexiones acerca de la vigilancia y castigo de la homosexualidad en la escuela</i>
3	Manifestações de <i>Bullying</i> em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório
4	A violência escolar no contexto de privação de liberdade
5	Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná
6	<i>Impacto multifacético del ambiente familiar en situaciones de violencia escolar en hombres y mujeres</i>
7	Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública.
8	O mediador de conflitos escolares: experiências na América do Sul.
9	<i>Bullying</i> , vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar.
10	Contradições do processo de disciplinamento escolar: os "Livros de Ocorrências" em análise
11	Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar
12	Máscaras, jovens e "escolas do diabo"
13	De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão
14	A compreensão sistêmica do <i>bullying</i>
15	Violência substantivada: perspectiva de estudantes de uma escola pública
16	<i>Hierarchy, Violence and Bullying Among Students of Public Middle Schools</i>
17	<i>Impact of the Worst School Experiences in Students: A Retrospective Study on Trauma</i>
18	<i>Las multiples violencias de la "violencia" en la escuela: desarrollo de un enfoque teorico y metodologico integrativo</i>
19	<i>Bullying</i> : comportamento agressivo entre estudantes.
20	<i>Estudio cualitativo de los determinantes de la violencia escolar en Chile</i>
21	<i>Family interactions and the involvement of adolescents in bullying situations from a bioecological perspective</i>
22	<i>Violence in schools: what are the lessons for teacher education?</i>
23	Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo?
24	<i>Bullying</i> nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio
25	Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência

26	Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições
27	Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?
28	<i>La violencia, que nos toca a todos: una mirada desde la historia del maltrato en la escuela</i>
29	Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo
30	Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz
31	Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação
32	Autoridade enfraquecida, violência contra professores e trabalho pedagógico
33	Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil
34	<i>Factores psicosociales asociados al conflicto entre menores en el contexto escolar</i>
35	Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil
36	A violência escolar e a crise da autoridade docente

Fonte: Elaboração própria

Para a seleção dos artigos a serem analisados foram descartados os escritos em inglês e espanhol pela ausência de domínio sobre estas línguas e evitar que o entendimento sobre o estudo fosse comprometido, além disso, foram considerados os publicados entre os anos 2011 até 2018. Desta forma, utilizou-se 14 artigos, **Quadro 2**, para a realização da análise proposta por este estudo.

Quadro 2 – Artigos selecionados para análise

ID.	TÍTULO
1	Representações discursivas da escola democrática do DF na mídia jornalística
3	Manifestações de <i>Bullying</i> em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório
5	Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná
7	Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública.
8	O mediador de conflitos escolares: experiências na América do Sul.
9	<i>Bullying</i> , vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar.
10	Contradições do processo de disciplinamento escolar: os "Livros de Ocorrências" em análise
11	Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar
14	A compreensão sistêmica do <i>bullying</i>
23	Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo?
24	<i>Bullying</i> nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio
25	Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência
26	Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições
27	Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?

Fonte: Elaboração própria

Após a leitura dos artigos selecionados foi possível categorizá-los por temáticas, **Quadro 3**, a fim de discutir melhor sobre as abordagens, assim como aspectos divergentes e convergentes entre eles. Notou-se que alguns deles

apresentavam assuntos bem específicos e outros que normalmente estão de fato presentes nas discussões em âmbitos escolares, tais como o *Bullying*.

Quadro 3 – Artigos selecionados para análise

ID.	Temática	Quantidade de artigos
1	Mídia	1
5	Violência contra docentes	1
8	Mediação de conflitos	1
10	Disciplina	1
26	Escola e Polícia	1
7 / 11	Percepção de violência escolar	2
23 / 25 / 27	Sugestões de ações de combate a violência escolar	3
3 / 9 / 14 / 24	<i>Bullying</i>	4

Fonte: Elaboração própria

3.1 Resultados

A partir de cada temática, foi feito o detalhamento do estudo de cada artigo. Iniciou-se com o a temática Mídia, o artigo intitulado de “Representações discursivas da escola democrática do DF na mídia jornalística”, e por tratar-se de um artigo escrito por estudantes do curso de Letras, discorre-se mais sobre aspectos relacionados à estrutura textual, gramática, vocabulário, estética da reportagem escolhida para análise. A reportagem foi publicada no dia 24 de março de 2016, em um site de acesso público e gratuito, com a manchete: “Relatório da Câmara Legislativa reprovava escolas públicas do DF”, assinada pelo jornalista João Gabriel Amador para o Caderno Distrito Federal/ Educação, foi publicada. E então é feito explicações a cerca de trechos de toda reportagem.

No ponto que é falado sobre violência escolar, a abordagem é bem restrita, e a análise das autoras é que:

O jornalista adere ao discurso hegemônico jornalístico de direita. Sua escolha de não tratar das políticas estatais, do mercado de trabalho, da dinâmica do mercado imobiliário e da produção de moradias legitimou as relações sociais hegemônicas. Por meio desse silêncio, ele naturalizou discursos sobre a segregação socioespacial da população pobre (violência institucional) e sobre os efeitos das desigualdades sociais na distribuição de renda e dos serviços (violência estrutural), representando a escola pública do DF apenas como espaço de exclusão social, cujas lutas sociais devem continuar sendo ignoradas pelo poder público. (JUNQUEIRA, SILVA, 2018, p.321).

Neste caso este artigo apesar de conter o assunto violência escolar, isto ocorre de forma superficial.

Na temática Violência contra docentes, o artigo “Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná”, trata-se de uma pesquisa com o objetivo de verificar a violência na relação professor-aluno, sofrida por professores de educação física que atuam no ensino fundamental e médio na rede pública de ensino. Responderam ao um questionário elaborado pelos autores 102 professores que atuam em 14 cidades do estado do Paraná. Algumas variáveis como: estado civil, número de escolas de atuação, distinção por sexo e divisão das cidades pela região geográfica, foram relacionados a respostas dadas pelos professores e contribuíram para análise.

E como ideias conclusivas, os autores consideraram que a violência contra os docentes nesta relação professor-aluno encontra-se em um nível grave. Verificou-se que os professores da região noroeste do estado, estão mais expostos a situações de agressão pelos alunos em relação aos professores da região central. Esta mesma relação aconteceu aos professores solteiros comparados aos professores casados analisando o total de participantes. Destacou-se que os professores que ministram aula em apenas um estabelecimento de ensino sentem-se mais seguros em seu local de trabalho, e que os professores do sexo feminino solicitam mais a ajuda para solucionar os conflitos no local de trabalho.

Empiricamente pode-se descrever que os profissionais da educação em alguns casos também são vítimas do sistema político pedagógico. Porque em sua formação embora adquiram conhecimento sobre aspectos de indisciplina no meio escolar, não são preparados para atuar com estas situações adversas ao ementário curricular. Outrora vimos, o surgimento de legislações que protegem estes profissionais diante as situações de violência dos alunos, como à cartilha "Normas Gerais de Conduta Escolar" no publicada no ano de 2009 no estado de São Paulo. (LEVANDOSKI, OGG, CARDOSO, 2011, p.382).

Esta cartilha foi citada apenas nas conclusões, embora em todos os outros tópicos anteriores do trabalho, ela não é mencionada em nenhum momento.

Na temática Mediação de conflitos, o artigo “O mediador de conflitos escolares: experiências na América do Sul”, através da realização de uma pesquisa bibliográfica, buscando documentos oficiais, investigações e livros publicados sobre essas experiências em diversos países, o estudo retrata vários projetos de mediação de conflitos, porém não é possível avaliar os resultados dos projetos e programas que

envolvem a mediação de conflitos escolares na América do Sul. Muitos programas pesquisados que foram avaliados positivamente foram encerrados e outros continuam com instituições privadas; porém os autores enxergam como necessária e urgente a produção de estudos que contribuam para melhor compreensão do alcance de tais programas nas realidades escolares.

Ainda validam que há uma expansão de programas e projetos ao longo dessa última década e acreditam que a mediação dos conflitos na escola seja a solução para a amenização das violências escolares.

Na verdade, a mediação de conflitos é uma estratégia entre outras, que podem auxiliar as escolas e, portanto, não pode ser o elemento central de tantos programas educacionais. Além de ser uma estratégia entre outras, destacamos que a mediação de conflitos depende da sociedade em que é introduzida para obter resultados ou não. Longe de buscar soluções simplistas, podemos evidenciar que o primeiro passo para uma política pública que procure amenizar as violências escolares deveria pertencer à alçada da educação. A maioria dos países apontados neste estudo tem na área judicial o nascimento de seus projetos, o que já aponta uma judicialização da educação. Porém, no Brasil torna-se pior, pois o programa para se amenizar as violências nas escolas é um projeto conjunto com a Secretaria de Segurança Pública, tornando a educação um caso de polícia. (POSSATO, et al, 2016, p. 364).

Na temática Disciplina, o artigo “Contradições do processo de disciplinamento escolar: os “Livros de Ocorrências” em análise”, faz um estudo em duas escolas públicas do interior de São Paulo, considerando os levantamentos de registros de alunos/fatos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio nos livros de ocorrência. A pesquisa tem por objetivo compreender como esses livros têm sido utilizados nas escolas atualmente, como os professores os interpretam e quais os sentidos dos registros. Foram encontradas anotações tais como: não realizar as tarefas escolares e não participar da aula, não levar material para a aula, conversar muito, andar pela sala, portar/usar celular, jogar bolinhas de papel, sair da sala de aula sem autorização e gritar em sala de aula. Como medidas punitivas, por exemplo, de sair da sala de aula sem autorização, o aluno ficaria proibido de retornar à aula, assim como a recorrência de casos indisciplinados o aluno poderia ser suspenso. Ou seja, de certa forma os alunos acabam obtendo aquilo que realmente queriam, o que era para ser visto como uma medida para reflexão sobre o seu comportamento, acaba sendo um objetivo alcançado pelo aluno. Outra análise feita pelo estudo foi a respeito dos significados dos registros para os professores, através da realização de

entrevistas, em grupo focal, com aqueles que mais usavam esta ferramenta no cotidiano. E a partir das falas foi observado que os registros são feitos mais para se protegerem, do que servirem para tomarem medidas disciplinares a partir do comportamento do aluno em questão. Apesar desta significação ser mais simbólica do que, uma vez que apenas comprova a fragilidade da ausência de autoridade dentro da sala de aula.

O artigo com a temática Escola e polícia é intitulado como “Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições”, os países são: Brasil, Portugal e França e de que forma os policiais estão presentes em cada um deles. Depois disso, discorre de forma mais detalhada a ação dos policiais no Brasil, e detalha alguns projetos em estados diferentes. Traz então a ideia do policial trazer segurança à direção escolar, comunidade e alunos, no sentido de evitar invasões e depredações, como também de maneira mais estreita, o relacionamento alunos-policiais de confiança e proximidade. Em contrapartida, a presença dos policiais na escola pode gerar a transferência de responsabilidade, no que tange as questões educacionais e até mesmo pedagógicas de professores e diretores para os policiais. Outro ponto também levantado é que em alguns casos também pode ocorrer abuso de poder, no tratamento de questões consideradas graves, em que a direção se torna totalmente nula e omissa quando o policial pode usar como medida disciplinar a opressão do aluno. Enfim, a relação escola-polícia pode ter muitas facetas, e existem vários fatores para defini-la, como a postura da gestão escolar, docentes, alunos e policiais, por exemplo.

Na temática de Percepção de Violência escolar, foram localizados dois artigos. Um deles, “Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública”, este estudo investigou a percepção de estudantes e de professores acerca da violência no espaço escolar. Foram realizados grupos focais, sendo realizados dois grupos de 30 alunos e um grupo de 16 professores, de uma escola pública de Porto Alegre/RS. A partir da análise de conteúdo foram estabelecidas quatro categorias discursivas: Violência entre pares, Violência entre alunos e professores, Violência extramuros e Ações de enfrentamento.

A violência escolar foi descrita como variada, ocorrendo nas formas verbal e física. E ainda, que a violência externa à escola, seja comunitária ou familiar, também

é percebida como um dos fatores que interfere na rotina escolar. O uso de xingamentos e a presença de preconceito e agressões como recurso comunicativo entre os estudantes e professores pode ser percebido também como um uso instrumental da violência, quando o conflito não encontra outros canais de manifestação que poderiam ser propiciados pela instituição escolar através de ações democráticas de participação dos adolescentes nas decisões que os afetam.

O comportamento de cada um dos grupos foi bastante diferenciado, o que influenciou no tipo de assunto explorado e debatido pelos participantes da pesquisa. Os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental falaram mais sobre as próprias experiências e sobre as agressões entre colegas, enquanto que entre os alunos do 1º ano do Ensino Médio a discussão se centrou mais sobre as ações da direção e dos professores após a ocorrência das situações violentas. Os professores falaram sobre a violência sofrida de forma direta, pelos alunos ou direção, e de forma indireta, quando são afetados pelas agressões entre os adolescentes. Para análise foram consideradas tanto as diferenças entre os grupos (alunos e professores) quanto os pontos que os aproximam. Enfim, para cada indivíduo a violência é percebida de forma diferente mesmo estando compartilhando o mesmo ambiente.

O outro artigo com a mesma temática, é o “Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar”, diferente do anterior, esta pesquisa foi realizada apenas com os alunos, neste caso com uma faixa etária definida, foram 177 adolescentes dos sexos masculino e feminino, com idades entre 12 e 18 anos, os quais responderam a um questionário sociodemográfico e à associação livre de palavras, através dos estímulos “violência escolar” e “pessoa violentada”.

Após o processamento dos dados, os autores observaram que a percepção dos adolescentes sobre violência escolar foi representada como sinônimo de assédio, visto como um dos fatores desestruturantes das relações estabelecidas na escola. Segundo os alunos, o fenômeno pode se apresentar mediante diversas ações, dentre as quais: roubar matar, machucar, brigar, dar murros, xingar e falar palavrão.

Nesse sentido, a violência escolar pode ser vista como uma bagunça que afeta a vida do aluno e que é sustentada pelo abuso de poder, pela falta de educação e de respeito para com o outro, sendo elemento crucial para a manutenção das relações pautadas nos sentimentos de ódio, dor e lamento (choro). (ARAÚJO, 2012, p.246).

O artigo os resultados advindos do estudo, espera-se contribuir para a compreensão da violência escolar no contexto estudado. Isto é, confia-se que a análise das dimensões das representações sociais formadas pelos adolescentes escolares possa direcionar a elaboração de programas de prevenção do fenômeno, o que será viabilizado pelo retorno à instituição pesquisada, com o intuito de discutir os achados e efetivar as propostas de intervenção sobre a violência escolar.

Já na temática de sugestões de ações ao combate a violência escolar, foram encontrados três artigos. O primeiro deles, é o “ Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo? ”, é feito a análise de resultados de estudos, por meio de pesquisa da literatura, focalizando-se o que dá certo em ações escolares para concretizar a adequada convivência.

Além da literatura em geral, contou-se com publicações divulgadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). No total, analisaram-se 19 trabalhos publicados no período 2012–2016, com acesso livre na Internet. Para proceder às análises, os dados coletados foram organizados, verticalmente, conforme o tipo de violência/vítimas, as recomendações e os benefícios decorrentes da instauração destas. Em seguida, horizontalmente, organizaram-se de acordo com o âmbito de tais benefícios: a dinâmica curricular, as interações sociais dos envolvidos no ato educativo e a gestão escolar, apontando diretamente para o rompimento da reprodução da violência escolar. Como resultado o autor apresenta o quadro a seguir:

Quadro 4 – Alternativas de ação que “não dão certo” e que “dão certo”

Não dão certo	Dão certo
Castigos corporais	Adotar na comunidade educativa o apreço pela afetividade, a atenção e a empatia (interação social)
	Recuperar a memória de crianças e adolescentes maltratadas, a fim de ressarcir danos e prevenir outros casos, bem como aprofundar estudos sobre hierarquias entre alunos (interação social)
Humilhações públicas	Adotar na escola condutas moderadas, com o controle das próprias emoções (interação social)
Câmeras, detectores de metais e outras tecnologias de segurança	Aproximar os pais de alunos da comunidade educativa. Se possível, desenvolver estratégias formativas em que todos participam juntos (dinâmica curricular)
	Ultrapassar a dimensão do ensino de conteúdos formais, focalizando também aspectos morais, éticos, cidadãos, de respeito e de consciência (interação social)

Desconto de pontos no aproveitamento	Eliminar imediatamente quaisquer estratégias de punição (dinâmica curricular)
Tolerância zero	Escutar os alunos, considerando a violência como resultado de condições sociais desfavoráveis (a ruptura de laços sociais) e como manifestação de subjetividades (a ausência da palavra) (interação social). Aprimorar ou desenvolver entre os membros da comunidade escolar o hábito de dialogar. Foco: harmonização de atitudes e estilos de comunicação em trabalhos colaborativos (interação social)
Rotular o aluno como indisciplinado e mal educado, promovendo a vinculação entre esse perfil e a família	Promover entre os professores uma abertura à alteridade (interação social).
	Parar de culpar os alunos por manifestações de violência na escola (dinâmica curricular).

Fonte: Vasconcelos,2017.

Através do quadro acima é possível adotar várias práticas no cotidiano escolar a fim da promoção da paz, e da mesma forma evitar algumas ideias e comportamentos que podem promover a violência.

O segundo artigo sobre a temática sugestões de ações ao combate a violência escolar, é “Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência”, a pesquisa inicialmente apresenta dois casos de violência escolar publicados pela mídia, ressalta também que assim como tais casos vem aumentando, estudos e pesquisas a cerca deste assunto e suas derivações também. Porém, ainda são poucas as reflexões sobre Políticas Públicas, a fim de estudar, tratar e amenizar esta situação. Os autores ainda fazem a crítica de que a midiaticização torna casos pontuais, e principalmente os graves, como regra geral, criando um certo desespero e pânico na sociedade, mas em contrapartida nada é feito, não se vê nenhuma ação governamental para reversão deste quadro.

Outro ponto considerado pela pesquisa, é de que os alunos que cometem os diversos tipos de violência, muitas vezes carregam uma desesperança relacionada ao futuro, não vem grandes perspectivas pessoais a longo prazo, e esta visão é adquirida pelo ambiente em que se vive, de impunidade e injustiças, e claro diante das diversas dificuldades encontradas no dia-a-dia.

Como sinal de esperança e de possibilidade de reversão do quadro pessimista que se dissemina, lembremos, novamente, a necessidade de se dar sentido e significado à escola, buscando fazê-la retornar à centralidade social, posição essa que os episódios violentos teimam em desestabilizar. A

saída para a violência é o olhar para os alunos, a fim de projetá-los para o futuro, descobrindo o que pode motivá-los a buscar sair da estática e imprimirem um ritmo de crescimento pessoal e de melhoria da autoestima. (CHRISPINO, GONÇALVES, 2013, p.833).

Ocorre que este movimento não é natural porque ele solicita “gasto de energia do sistema”. Essa energia extra para iniciar e dirigir o processo só pode vir dos adultos, experientes e mais preparados: professores, gestores educacionais de todos os níveis e pais preocupados e parceiros.

O último artigo sobre esta mesma temática, “ Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura? ”, tem como objetivo discutir o tema indisciplina como contribuição visando a uma proposta de educação para a paz, por meio da investigação seletiva da literatura. Traz a ideia de que nos dias atuais, temos que superar o autoritarismo, a opressão e a submissão nas escolas. O autor se baseia nos educadores Freinet e Freire para exemplificar a construção de processos educacionais autônomos e solidários, dialógicos, emancipatórios e cooperativos, e então sugerir as escolas:

Equipes de intervenção para resolução de problemas, buscando a autogestão escolar, por meio do desenvolvimento de projetos educativos; currículos significativos, haja vista que concorrem para despertar nos alunos o desejo de aprender, e o diálogo como meio de pactuar modos de convivência social, com respeito ao amplo leque de diversidades, concebido como riqueza cultural. (Lopes, Gomes, 2012, p.261).

Por fim, a temática que mais apareceu na presente análise, foi *Bullying*, no qual foram encontrados quatro artigos. O primeiro mencionado é: “Manifestações de *Bullying* em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório”. O objetivo geral desta pesquisa foi explorar a ocorrência de *bullying* em dois contextos escolares – público e privado –, comparando-as em termos de frequência e padrões de ocorrência do fenômeno. Os sujeitos da pesquisa foram 76 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com idade variando entre 10 e 15 anos. Os participantes responderam anonimamente a um questionário que visava obter informações referentes à ocorrência de agressões entre pares na escola, bem como identificar o envolvimento dos respondentes nessas situações.

O artigo a partir da pesquisa realizada, faz as seguintes considerações: existe uma elevada incidência de casos de *bullying* em ambas escolas, ou seja, o nível socioeconômico dos estudantes não pode ser considerado como um fator

determinante dos comportamentos de *bullying*. Quanto ao perfil dos agressores, observou-se que, na escola pública, houve maior número de referências a agressões praticadas por meninos, enquanto que na particular as agressões foram atribuídas de forma mais equilibrada a alunos de ambos os sexos. Outro ponto a ser considerado é de que os meninos praticam mais o *bullying* direto e as meninas o indireto. Foi observado o padrão de convivência e omissão por partes dos observadores. Sobre o local das agressões, destaca-se o recreio como sendo o principal. É mencionado a importância de um programa para resolução destes casos, que possa envolver toda comunidade escolar, principalmente os adultos para que possam reconhecer o que de fato ocorrem entre as crianças que não caracterizam de fato como brincadeiras, mas que podem causar sofrimento para as "vítimas/ alvos".

O segundo artigo, da temática *bullying*, foi "*Bullying, vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar*", analisou as relações de impacto de um conjunto de variáveis no engajamento escolar emocional, a partir de testes de um modelo teórico. Para isso, 634 alunos, com idade média de 13,6 anos, de duas escolas públicas do interior de São Paulo responderam à Escala de Violência Escolar - Versão Estudantes, Inventário de Depressão Infantil e Escala de Engajamento Escolar.

E a partir dos resultados é importante ressaltar alguns pontos, tais como: questão da idade dos alunos; quanto maior, menor o envolvimento com *bullying*, seja como agressor ou vítima. E com o passar dos anos os alunos se mostram menos engajados escolarmente. Referente a vivência de *bullying*, aqueles alunos que são vitimizados sejam pelos seus pares ou por funcionários da escola apresentam menor engajamento escolar, e conseqüentemente menor desempenho acadêmico, uma vez que o senso de pertencimento e reações emocionais relacionadas à escola ficam prejudicadas, podendo acarretar em quadros de depressão. A pesquisa também identificou que ambientes escolares saudáveis e seguros contribuem para uma melhora no engajamento escolar e desempenho acadêmico.

Mas como resultado final, percebeu-se uma pequena porcentagem (9%) das variáveis relacionadas ao *bullying* associadas ao engajamento emocional escolar, e por isso, afirma ser de suma importância a realização de outros estudos que

incorporem outras variáveis ao modelo, para melhor compreender aspectos que se relacionam com o engajamento escolar.

O terceiro artigo com a mesma temática, foi “A compreensão sistêmica do *bullying*”, traz uma abordagem um pouco diferenciada, talvez pelo fato das autoras serem específicas da área de psicologia. O estudo faz inicialmente introduz o termo *bullying*, depois apresenta alguns dados de pesquisas feitas pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), Observatório da Infância, o Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS) e Fundação Instituto de Administração (FIA).

E o objetivo das pesquisadoras é definido neste trecho:

Com o intuito de enriquecer as discussões sobre o conceito bullying procura-se neste trabalho fazer uma descrição relacional sistêmica desse fenômeno. Esta compreensão está pautada no paradigma sistêmico, que, para Vasconcellos (2002), se fundamenta nos pressupostos complexidade, instabilidade e intersubjetividade. (SCHULTZ et al, 2012, p.249).

Ou seja, o estudo enfatiza que a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano colabora no entendimento de que para uma análise sistêmica do bullying é necessário considerar a complexidade das relações entre os vários sistemas envolvidos: a vítima, o autor, as testemunhas, a(s) turma(s) envolvida(s), o/a(s) professor/a(s), a escola, as famílias dos envolvidos, a comunidade à qual pertence a escola, a cultura na qual estão inseridos, as regras, os valores e outros fatores.

O último artigo, ainda com a temática bullying, “Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio”, discorre sobre as consequências do bullying nas aulas de Educação Física escolar no Ensino Médio, e traz este detalhamento principalmente nas aulas mistas (entre meninos e meninas). Foi realizado um estudo transversal, descritivo e exploratório, através da aplicação de um questionário semiestruturado de uma amostra de 49 alunos de uma escola pública do município do Rio de Janeiro.

Na análise dos resultados, foram observados que a maioria dos estudantes (mais de 80%) preferem aulas mistas, e que até mesmo as meninas acreditam que o bullying não afeta a participação nas aulas como sugere bibliografia consultada, mas que a falta de habilidades pode acarretar em ofensas principalmente e até mesmo a evasão destas aulas.

Os vitimizados correspondem a sujeitos que são importunados por indivíduos que se valem do seu maior tamanho e força. O agressor é tido como um estudante que não tem bom desempenho escolar e é caracterizado pelos escolares como um “mau aluno”, que se considera superior ou deseja se afirmar sobre os demais.

Em contraposição ao poder do agressor sobre a vítima do *bullying*, os alunos destacam a dominação e o poder legitimado socialmente ao professor e à instituição escolar, que devem ter total responsabilidade em tomar as medidas necessárias para conter estas ações que geram violência. Os autores, propõem a investigação das racionalizações dos alunos, ou até mesmo de professores praticantes de *bullying* e dos alunos vitimizados para ampliar e aprofundar o tema em pauta.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma ampla análise e conhecimento acerca da violência escolar. Assunto que vem cada vez mais sendo discutido na sociedade e comumente levantado nas conversas informais. Um dos motivos que levou a pesquisadora em questão estudar sobre, uma vez que a alegação é de que os alunos já não respeitam mais os professores, que são a autoridade na atual na sala de aula, e esta violência muitas vezes é exclusivamente direcionada aos discentes. O que diferentemente mostrou os resultados deste estudo, em que a violência tem várias fontes, vários protagonistas, assim como várias ações de combate.

Esta pesquisa traz como contribuição um panorama amplo das visões sobre violência escolar, e temas correlatos, a partir dos periódicos pesquisados. Em cada temática estudada o(s) artigo(s) relacionado(s) uma perspectiva foi apresentada, é importante ressaltar que os autores são pesquisadores de áreas distintas como: psicologia, letras, educação, jornalismo. O que é muito enriquecedor pois promove uma discussão diversificada.

As temáticas que apresentam apenas um artigo como: mídia, violência contra docentes, mediação de conflitos, disciplina e escola e polícia. São assuntos que poderão servir de questão para serem estudadas de formas diferentes. No tema de Mídia, a exploração foi apenas da forma como o texto sobre violência escolar é divulgado, já na temática Violência contra Docentes, um estudo de caso possibilitou algumas observações a respeito do professor que sofre estes atos, que são neste caso, aquele que dá aula em escolas periféricas, normalmente trabalham em mais de uma instituição escolar, e mulheres solteiras. Sobre a Mediação de Conflitos, a grande proposta é a criação de projetos que realmente de adequem as realidades das escolas e que não sejam apenas teóricos. Em relação ao tema Disciplina, o estudo é baseado nos livros de ocorrência, uma ferramenta comumente utilizada pelas escolas, mas que acabam não tendo a efetividade na redução da violência, apenas servindo como respaldo para justificar/comprovar o mau comportamento de um determinado aluno. E a respeito da temática Escola e Polícia, estas duas instituições acabam misturando seus papéis de atuação, seja na forma de transferência de responsabilidades de educação e/ou “controle” dos alunos.

O tema Percepção de Violência escolar, apresentou dois artigos, o primeiro deles, aborda questões mais conceituais, ou seja, os alunos e professores fazem a definição de violência e é possível observar que cada um deles, seja os alunos de séries do fundamental ou do médio, a percepção de violência apresenta-se de forma diferente, assim como a visão do professor. Ou outro artigo, que foi desenvolvido apenas com os estudantes, traz de maneira geral o entendimento dos alunos acerca da violência como assédio, e detalhadamente podendo assumir as práticas de: roubar matar, machucar, brigar, dar murros, xingar e falar palavrão.

Na temática de Sugestões de ações de combate a violência escolar, os três artigos desenvolvem argumentos através de análises teóricas, levantamento de publicações deste gênero, assim como exemplificações bem práticas de o que fazer e não fazer para combater a violência no meio escolar. Além disso também apresentam a necessidade de uma intervenção externa, em outras palavras, políticas públicas eficazes. E a busca constante da superação do autoritarismo e opressão.

O último tema, mas aquele que apresentou mais pesquisas, foi o do *Bullying*. Com conteúdo sobre as diferentes manifestações e formas na escola pública e privada; entre meninos e meninas; local específico de ocorrência; idades das vítimas. Os prejuízos que podem acarretar no desenvolvimento escolar daqueles que ficam expostos ao *bullying*. E o papel de importância do professor, e da gestão escolar para tomar as medidas necessárias para opor-se a esta prática.

Enfim, é notório que para aqueles temas que são apresentados apenas um artigo, pode ser visto como uma lacuna nas pesquisas destes conteúdos, e a sugestão é que se desenvolvam trabalhos futuros para melhor análise. Assim como podem ser usadas como descritivos para serem aprofundados. E para aqueles trabalhos que apresentam mais estudos, é importante que sejam divulgados e estudados por aqueles que estão em contato com a escola, pois é a partir do conhecimento que a violência será enfrentada.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. *et al.* **Gangues, galeras, chegados e rappers: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Brasília: Editora Garamond, 1999.
- AGUIAR, L. G. F.; BARRERA, S. D. Manifestações de Bullying em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n.3, p.669-682, 2017.
- ARAUJO, C. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ARAUJO, L. S. *et al.* Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. **Psico-USF**, Itatiba, v. 17, n. 2, p. 243-251, 2012.
- BODY-GENDROT, S. Violência na Escola: um olhar comparativo sobre políticas de governança. *In*: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C (org). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: Edições Unesco, 2002.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do ensino.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.
- BOYNTON, M. **Prevenção e resolução de problemas disciplinares: guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed,2008.
- CARDOSO, J. C.; GOMES, C. A.; SANTANA, E. U. Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 81, p. 685-710, 2013.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, ano 4, p. 432-443,2002.
- CHRISPINO, A.; GONCALVES, D. E. Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, 21, n. 81, p. 821-838, 2013.
- DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto. (1967-1997). **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 163-193,2001.
- DEBARBIEUX, E. “Violência nas escolas”: divergências sobre palavras e um desafio político. *In*: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (org.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias.** Brasília, Edições Unesco, 2002.
- ELIAS, M. A. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema.** São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, D. C.; DE PAULA E SILVA, J. M. A.; SALLES, L. M. F. Contradições do processo de disciplinamento escolar: os "Livros de Ocorrências" em análise. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 35-43, 2014.

GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 103-111, 2017.

JUNQUEIRA, T. L.; SILVA, F. C.O. Representações discursivas da escola democrática do df na mídia jornalística. **Alfa Revista de Linguística**. São José do Rio Preto, v. 62, n. 2, p. 297-324, 2018.

KRUG, E.G. *et al.* **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201706/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LEVANDOSKI, G.; OGG, F.; CARDOSO, F. L. Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná. **Motriz: revista de educação física**, Rio Claro, v. 17, n. 3, p. 374-383, 2011.

LOPES, R. B.; GOMES, C. A. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura? **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 75, p. 261-282, 2012.

MELANDA, F. N. *et al.* Violência física contra professores no espaço escolar: análise por modelos de equações estruturais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5. 2018, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00079017>. Acesso em: 20 Maio 2021.

NETO, A. A. L. *Bullying* e comportamento agressivo sobre estudantes. **Jornal de pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005.

OLIVEIRA, W. C. O papel do Professor diante do *Bullying* na sala de aula. **EDUCERE: Revista da Educação**, Umuarama, v. 18, n. 2, p. 297-317, 2018.

OLWEUS, D. **Bullying na escola: o que nós sabemos e o que nós podemos fazer**. Oxford: Publishers de Oxford Blackwell, 1993.

PAULA E SILVA, J. M. A. de; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em revista**, Curitiba, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

PAULA E SILVA, J. M. A. *et al.* **A violência no cotidiano juvenil: uma análise a partir da escola**. Taubaté: Cabral editora e livraria universitária, 2010.

POSSATO, B. C. *et al.* O mediador de conflitos escolares: experiências na América do Sul. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 357-366, 2016.

SALLES, L. M. F.; DE PAULA E SILVA, J.M. A.; REVILLA, J.C. FERNANDEZ, C. Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 26, n. 1, p. 148-157, 2014.

SCHULTZ, N. C. W. *et al.* A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, 2012.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SPOSITO. M. P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de pesquisa**, [s.l.] n. 104, p. 58-75, 1998.

SPOSITO. M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

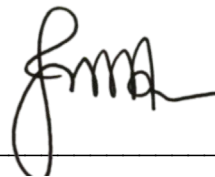
VALLE, J. E. *et al.* Bullying, vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 463-473, 2015 .

VASCONCELOS, I. C. O. Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo? **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 97, p. 897-917, 2017.

VIANNA, J.; SOUZA, S. M.; REIS, K. P. *Bullying* nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 73-93, 2015.

ZALUAR, A. Violência e criminalidade: saída para os excluídos ou desafio para a democracia? *In*: MICELI, S. (org.). **O que ler para conhecer o Brasil**. São Paulo, Anpocs, 1999.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira Ciência e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 145-164, 2001.



Orientadora: Profª. Dra. Joyce Mary Adam



Aluno: Francielle Maria Gonçalves Duarte